

LAZER SOBRE RODAS NO CARTÃO POSTAL: IDENTIDADES E SOCIALIZAÇÃO NO SKATEPARK EM ARACAJU/SE¹²

Paula Aragão (aragao_paula@hotmail.com)

Sec. de Educação de Graccho Cardoso-SE/Labomídia/UFS

Introdução

Apresentamos neste texto o resultado da pesquisa de dissertação *Lazer Sobre Rodas no Cartão Postal: identidades e socialização no Skatepark em Aracaju-SE*. Os skatistas se tornaram sujeitos e o espaço de lazer denominado Cara de Sapo Skatepark, o campo de pesquisa, situado na Orla de Atalaia, na capital sergipana. A Orla constitui o elenco de pontos turísticos mais visitados em Sergipe, um Cartão Postal. Contudo, a escassez de pesquisas no tocante àquilo que a elege como ponto turístico mais importante da capital, também estimula o desenvolvimento desta pesquisa: o lazer.

Esta pesquisa nasceu do esforço de tentar entender o lazer como cultura vivenciada¹³, nasceu com a pretensão de desvendar um pouco mais acerca da sua face mercadológica¹⁴. Esta pesquisa nasceu também como oportunidade de entender o lazer enquanto um fator de formação humana¹⁵ mas, principalmente, para buscar o seu sentido a partir daqueles que o vivenciam intensa e diariamente¹⁶. Entendemos, neste estudo, que existem dois processos mutuamente geradores de agrupamentos humanos em geral: identidade¹⁷; e socialização¹⁸. Entendemos que tais processos comungam com o lazer nas esferas sociais.

12 Relato da pesquisa da Dissertação de Mestrado *Lazer Sobre Rodas no Cartão Postal: identidades e socialização no Skatepark em Aracaju-SE*. Orientador: Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires, PGEF/UFSC.

13 MARCELLINO, N. C. *Lazer e Cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007, 218p.

14 MASCARENHAS, F. "*Lazerania*" também é conquista: tendências e desafios em época de mercado. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 73-90, maio/agosto de 2004.

15 PIRES, G. D. L. *Lazer e desenvolvimento pessoal e social*. Seminário Lazer em Debate, 9, Anais... São Paulo: USP/Leste - CELAR/UFMG, abril/2008.

16 ARAGÃO, P. *Lazer Sobre Rodas no Cartão Postal: identidades de socialização no Skatepark em Aracaju-SE*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina - PGEF/UFSC. Florianópolis, 2013.

17 HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 102p;
BAUMAN, Z.; VECCHI, B. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2005.

18 MAFFESOLI, M. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, 297p.

Para compreender o lazer juntamente aos fatores, problematizamos: *Como ocorre a formação de identidade e socialização no âmbito do lazer de skatistas frequentadores do Skatepark da Orla de Atalaia em Aracaju?* Para tanto, apresentamos o objetivo geral: *compreender a modalidade de lazer do grupo de skatistas como oportunidade à construção de sua identidade cultural e a sua socialização.*

Para atingir tal objetivo construímos questões de investigação que permeiam *aspectos históricos e socioculturais na configuração e apropriação do Skatepark; o entendimento deste espaço urbano pelos skatistas; a construção de identidades; as experiências de socialização da Aracaju Family¹⁹; e, por fim, o papel exercido pela TICs/mídia²⁰ nos processos de identidade e socialização dos skatistas²¹.*

Quanto aos aspectos metodológicos, elementos da pesquisa etnográfica foram fundamentais como a *descrição densa²²*; e a observação. Foram utilizados a entrevista semiestruturada e o diário de campo. Uma pesquisa do tipo Observação Participante, transcorreu em 2 momentos, durante 4 meses: fase de aproximação e capturas de informações através de registros escritos (1 mês); e fase de entrevistas, registros escritos e audiovisuais (3 meses).

Contabilizamos dezessete entrevistas: quatro em pequenos grupos; seis em duplas; e sete entrevistas individuais, totalizando trinta e cinco (35) sujeitos entrevistados. Um grupo cuja faixa etária variou entre 10 e 39 anos. A partir dos dados do campo tivemos a formação do corpus de análise, o qual pode ser compreendido em sua normalidade sem reduzir sua particularidade. Vejamos então, os resultados.

Experiência de imersão a guisa de compreensão do campo

A aproximação do campo se deu *de perto e de dentro²³* como possibilidade de estranhar o olhar frente ao cenário conhecido, o Skatepark. Assim, foram identificados os *modos de fazer²⁴* de um espaço vivo. Os skatistas usufruem da pista, nela deixam suas marcas e atribuem significados, devido sua maior permanência, eles reinventam o espaço com os *grafites*, obstáculos improvisados, aberturas clandestinas nas telas de proteção, etc. A pista tem uma história: é consequência do movimento skatista em Aracaju e é causa, hoje, para reforçar esse movimento. Um espaço com “alma própria”.

O tempo de aproximação de um mês deste campo reservou uma leve tensão entre pesquisadora e sujeitos, situação de estranhamento. A pesquisadora foi vista por eles como

19 Denominação própria do grupo de skatistas encontrado no Skatepark.

20 Tecnologias de Informação e Comunicação e mídias em geral.

21 O tema não está sendo abordado neste texto, pois, já foi contemplado em dois trabalhos: pôster no Encontro Nacional do Observatório da Mídia Esportiva - UFSJR/2012; e, artigo aprovado pela Revista Licere. Ver o endereço: http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV16N04_a9.pdf

22 GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, 323p.

23 MAGNANI, J. G. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 49, junho/2002, 13-29p.

24 CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 351p.

coisa fora de lugar, um ser exótico²⁵ alguém que não pertence ao grupo. Por isso, a imersão no espaço rendeu uma reflexão sobre a situação de nativa ou *outsider*, que, contudo, favoreceu para a entrada definitiva no universo skatista o qual observava.

Compreensão do lazer e a constituição de um grupo a partir de identidades e socialização

Na tentativa de compreender o lazer não somente à luz de outras pesquisas, mas abrindo o diálogo a entendimentos e consensos entre teorias já alicerçadas e novas compreensões a partir dos próprios skatistas, identificamos o skate como uma opção de lazer no espaço urbano, cujos objetivos, interesses e interpretação dos seus adeptos sugerem paixão, liberdade e “válvula de escape” para todos; e profissionalismo para alguns. Entendemos a cultura como ação humana contínua, múltipla e complexa em suas expressões, tecida pelo próprio homem no mundo e o lazer é uma delas, por isso, o consideramos como uma ação cultural e multifacetada.

O lazer está em constante interação com as demais esferas da vida²⁶, portanto, o skate, apresenta-se aos seus adeptos como fator que complementa e é complementado pelo trabalho; apresenta-se como mercadoria e produtor de mercadoria, mas também como algo que modifica por completo a forma de ver os outros e o mundo em tempos de extremo consumo. Por isso, confirmamos que há nele uma condição encantadora e enigmática, com uma lógica interna²⁷ que ao mesmo tempo instiga e convida a decifrar-lhe, mostrando-se como uma manifestação sociocultural.

Encontramos abertura para questões conceituais como Culturas Juvenis, Tribos Urbanas e *Família* uma denominação que aparece como *alavanca metodológica*²⁸, derivada do campo, um termo de autodesignação do grupo de skatistas aracajuanos que aparece nas entrevistas, no cotidiano. A construção da identidade do grupo, ou melhor, do estilo de vida foi gerado por uma multiplicidade de identidades, e da desconstrução de atribuições a partir do movimento da contracultura, da identidade nordestina e da força que os ergue para além da subclasse que a sociedade enxerga.

Detectamos que o processo de socialização possibilitam os vínculos mais duradouros, de amizade²⁹. O cotidiano skatista possui elementos que contribuem para a visível gera-

25 ARANTES, A. A. A Guerra dos Lugares: mapeando zonas de turbulências. In: ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

26 GOMES, C.; PINTO, L. *O Lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas*. In: GOMES, Christiane et al. *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, 67-122.

27 HONORATO, T. Skatistas, escola e poder. IN: BRANDÃO, L.; HONORATO, T. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 41-62; SARAVÍ, J. R. La lógica interna del skate. IN: BRANDÃO, L.; HONORATO, T. *Skate e Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.

28 DOSSE, François. *O Império do Sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 2003.

29 MONTEIRO, Sandoval Villaverde. *Modernidade, Formas de Subjetivação e Amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza*. Tese (doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-graduação

ção de vínculos mais compromissados: a reunião e o encontro em torno do lazer, o skate; o equipamento (Skatepark) como espaço urbano essencial ao processo de socialização; as competições e comemorações; e o vínculo marcado pela reciprocidade para além da pista, por meio das TICs/mídias. E neste último, temos a possibilidade de observar como as TIC's/mídias compõem o contexto jovem, sua contribuição à interação social entre os sujeitos e suscitam novas interpretações dessa interação³⁰.

Considerando os principais achados da pesquisa

Além de constatações, tivemos também questionamentos nos apontamentos finais. O Skatepark conta parte da história do skate em Aracaju, mas vimos uma contradição que mostra um espaço de lazer construído pela representação social (organizações skatistas) e o poder público, que hoje, mostra a falta de comunicação organizada com o poder público, o que resulta no descaso com a qualidade do funcionamento da pista, situação que denominamos de crise institucional. Contudo, positivamente, notamos a auto-organização entre diversos grupos diferentes no mesmo espaço (skate, patins e BMX) e um espaço exclusivamente público, livre de concessões que regem alguns equipamentos de lazer da Orla de Atalaia.

O skate, pelos skatistas, apresenta suas faces como condição social capaz não somente de transformar os espaços, mas como uma prática que expõe: uma liberdade muitas vezes limitada pelo fator tempo e pelo uso indevido de equipamentos públicos não específicos; experiências únicas que, à primeira vista, são realizadas à busca da diversão, mas que vêm com os complementos da superação e da persistência como consequências de um universo onde tombos são impulsos a novos aprendizados.

Vimos que o Skatepark aonde a experiência é vivida intensamente e sem ressalvas ou reservas é comparado pelos skatistas com a casa, ambiente familiar onde a educação está implícita nos exemplos daqueles que estão na posição de referência para os menos experientes. É uma verdadeira oficina de experiências. É o espaço aonde lazer e profissionalismo se confundem; se fundem no cotidiano e também nos aparatos tecnológicos e midiáticos que circundam a vida do skatista, em vistas aos apelos das tecnologias à juventude que não renega o tempo em que vive.

A formação heterogênea, a identidade nordestina e a contraproposta à representação que a sociedade direciona aos skatistas em geral, ainda muito presente na sociedade sergipana, são aspectos específicos que deram forma à *Aracaju Family*. A modalidade skate se institui como agente promotor de experiências de socialização por meio do aprofundamento e estreitamento dos laços de amizade, o qual é sempre proporcionado pelos encontros e conversas do cotidiano, pela solidariedade do grupo, as trocas de experiências, os campeonatos e comemorações que abrangem todo o universo skatista. O skatista é convidado à ampliação das fronteiras do Skatepark para outros “picos” e pistas, e estes conduzem para

em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003, 143p.

30 MARTÍN- BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S.; FREIRE FILHO, J. *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-31.

além das fronteiras culturais do Estado, da região, do país. Por isso, muitos skatistas são desafiados a transpor de modo concreto tais fronteiras, aprendem a lidar com seus estigmas e com o preconceito, dentro e fora desse ambiente familiar, e transformam a experiência na aprendizagem que é transmitida na rotina cotidiana.

Por fim, consideramos de suma importância que os agrupamentos sociais, sejam eles tribos urbanas ou novas famílias, precisam ser observados sob uma perspectiva interna, como uma posição que compreenda as representações sociais criadas sobre eles, mas que busca inverter para o outro polo da pesquisa social: a compreensão surgida devido ao contato constante com os sujeitos observados, a compreensão das suas vozes, contato que serviu para compreendermos que nem as representações criadas são absolutamente diferentes, mas também não são exatamente iguais como pensa a sociedade.